

PAUSAS EM MOMENTOS DE AVALIAÇÕES NOS ENUNCIADOS FALADOS DE SUJEITOS COM DOENÇA DE PARKINSON¹

Ymorian Vilela ZWARG²

RESUMO

O objetivo desse estudo foi analisar momentos, marcados por hesitações, nos quais um sujeito com doença de Parkinson e um sujeito sem lesão neurológica atribuem juízos de valor sobre elementos semânticos em concorrência na sua produção discursiva. Verificamos, nessas situações, em que medida esse funcionamento hesitativo apresenta semelhanças e diferenças entre os dois sujeitos. Como fonte de dados, utilizamos sessões de conversação gravadas nas residências desses dois sujeitos, que possuem idade, atividade profissional e escolaridade equivalentes. As sessões foram transcritas de acordo com normas propostas em Pretti & Urbano (1988). Os resultados indicaram que, em ambos os sujeitos: (1) perturbações no eixo sintagmático da linguagem indiciam conflitos em seu eixo paradigmático; e (2) os momentos hesitativos procuram conter a deriva dos sentidos.

Palavras-chave: Hesitações. Doença de Parkinson. Discurso. Enunciação.

Introdução e Objetivos

Do ponto de vista das ciências médicas, a doença de Parkinson se dá essencialmente como uma dificuldade motora, decorrente de uma lesão difusa que acomete o sistema nervoso central, principalmente nas regiões responsáveis pela produção do neurotransmissor dopamina.

Autores como Barbosa (1989), Small, Lyons e Kemper (1997) e Fenton, Schley e Niimi (1982) observam que essa dificuldade afeta aspectos da linguagem que, de um ponto de vista lingüístico, poderiam ser caracterizados como articulatorios, prosódicos e hesitativos. Seguindo essa tendência, grande parte da literatura biomédica que estuda aspectos da linguagem em sujeitos parkinsonianos entende o funcionamento das pausas na atividade verbal desses sujeitos como oriundas, preferencialmente, das dificuldades motoras causadas por esta doença. Além disso, a grande maioria desses estudos utiliza estratégias de repetição ou leitura de palavras e de sentenças para analisar o funcionamento de pausas em sujeitos parkinsonianos e restringe-se a descrever suas

¹ Artigo resultante de relatório final de pesquisa apoiada por Bolsa de Estudos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/UNESP.

² Aluno do 3º ano do curso de Fonoaudiologia, sob orientação do Prof. Lourenço Chacon, Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, CEP 17525-900, Marília, São Paulo, Brasil. ymorian@gmail.com

características acústicas de duração e de preenchimento, sem considerar seu papel na organização da atividade discursiva.

Entretanto, pesquisas recentes, sustentadas por teorias lingüístico-discursivas, como as de Chacon e Schulz (2000), Zaniboni (2002), Witt (2003), Oliveira (2003), Dias (2005) e Nascimento (2005), procuraram relacionar, na atividade discursiva dos sujeitos com doença de Parkinson, o que a literatura biomédica descreve como dificuldades motoras a questões ligadas a aspectos discursivos .

No interior do Grupo de Pesquisa (CNPq) *Estudos sobre a linguagem* – ao qual este trabalho encontra-se vinculado –, as hesitações vêm sendo consideradas sob ótica enunciativo-discursiva. Nessa perspectiva, as marcas de pausas – hesitativas ou não – mostrariam momentos de negociação entre o sujeito que enuncia e os “outros” constitutivos do seu dizer. Esses momentos, marcados por “perturbações” no eixo sintagmático do fluxo enunciativo, indicariam pontos nos quais a deriva dos sentidos – em concorrência no eixo paradigmático – poderia se instalar.

Neste trabalho, focalizamos, em uma sessão de conversação de um sujeito com doença de Parkinson e de um sujeito sem lesão neurológica, apenas aquelas situações, marcadas por pausas, nas quais esses sujeitos atribuem juízos de valor sobre elementos concorrentes na sua produção discursiva, ou seja, situações nas quais se podem detectar conflitos nessa produção. Verificamos, nessas situações, em que medida esse funcionamento das pausas apresentou semelhanças e diferenças entre os dois sujeitos.

Observando de que modo se correlacionam as pausas e os processos semânticos de avaliação do próprio dizer em um sujeito parkinsoniano comparado com um sujeito não-parkinsoniano, tivemos como objetivos específicos verificar:

- (a) se, nos momentos de hesitação que envolvem uma avaliação, ocorre uma contenção da ou uma abertura para a deriva;
- (b) se as tensões envolvidas nos momentos de hesitação predominam no eixo sintagmático ou no eixo paradigmático da linguagem;
- (c) se as ações sujeito/língua, nesses mesmos momentos, ocorrem antecipadamente ou em reparação à materialização de pontos de deriva.

Material e método

Como fonte de dados, utilizamos transcrições de sessões de conversação gravadas de um sujeito com doença de Parkinson – clinicamente diagnosticado por um médico neurologista – e de um sujeito sem lesão neurológica diagnosticada (sujeito controle). Usamos transcrições de sujeitos que apresentam características em comum – a fim de controlar diferenças sócio-culturais que poderiam influenciar em nossas análises –, tais como idade aproximada, sexo, grau de escolaridade, procedência geográfica e profissão.

NL – o sujeito com doença de Parkinson –, na data da gravação, tinha 59 anos e cursara até o equivalente à primeira série do ensino médio atual. **AB** – sujeito sem lesão neurológica –, também na data da gravação, tinha 59 anos e cursara o correspondente à primeira série do atual ensino fundamental. A discrepância entre a escolaridade ocorreu pela dificuldade em encontrar sujeitos com escolaridade equivalente na época das gravações. Ambos os sujeitos, procedentes do Triângulo Mineiro, são mestres de obra aposentados e do sexo masculino.

As amostras de conversação foram obtidas nas residências dos sujeitos e consistiram em diálogos – em alguns momentos dirigidos pelo interlocutor – sobre temas diversos, em geral, sobre a vida dos sujeitos.

As sessões de conversação duraram cerca de quarenta minutos e foram registradas em gravação digital de áudio e de vídeo. Foram usados, como equipamentos, um gravador DAT (Digital Audio Tape), com microfone localizado a cerca de trinta centímetros da boca dos sujeitos gravados, e uma filmadora SONY 203. As transcrições foram feitas de acordo com normas propostas em Pretti e Urbano (1988). A organização dessas transcrições foi feita em turnos conversacionais – definidos como aquilo que o falante faz ou diz enquanto tem a palavra – incluindo a possibilidade do silêncio (MARCUSCHI, 1998; HILGERT, 2001).

Em nosso enfoque, enunciativo-discursivo, concebemos as pausas como marcas da heterogeneidade constitutiva da linguagem, e, portanto, também como estratégias de elaboração da materialidade lingüística (e do “texto”) – no sentido de configurarem momentos nos quais o sujeito se apóia em suas tentativas de, atendo-se a espaços mais regulares do funcionamento discursivo, contornar a deriva dos sentidos e de impedir perturbações na produção de seus enunciados.

Dentre todas as pausas encontradas na sessão de conversação de cada sujeito, selecionamos apenas aquelas em que ocorreu o funcionamento hesitativo *avaliação*. Depois de identificadas

essas pausas, primeiramente passamos a observar, no interior de cada enunciado dos sujeitos, a relação entre cada uma delas, o trecho que as antecedia (trecho A) e o trecho que as seguia (trecho B). Estabelecidas essas relações, passamos a observar em que medida o funcionamento hesitativo *avaliação* permitia aproximações e distanciamentos na condição enunciativo-discursiva dos dois sujeitos. Para tanto, estabelecemos uma comparação entre ambos, cujos resultados serão expostos a seguir.

Resultados

Nossos resultados foram organizados em função dos objetivos que nortearam este estudo. Assim, na intenção de responder à questão (a) de nossos objetivos – *se as tensões envolvidas nos momentos de hesitação predominam no eixo sintagmático ou no eixo paradigmático da linguagem* –, recorreremos a quatro exemplos de enunciados em que ocorrem funcionamentos avaliativos, dois do sujeito com doença de Parkinson (**NL**) e dois do sujeito sem lesão neurológica (**AB**). Os trechos sublinhados corresponderão aos elementos a serem descritos:

Ocorrência 01

NL é pra evitar () mesmo dor assim no estômago
JN + mas o senhor tá comendo muitas vezes no dia ou não?
NL + t/tem dia ++ q/que eu (bato) três vezes por dia + quatro

No exemplo acima, o sujeito parkinsoniano é interrogado por **JN** sobre sua alimentação. Ao iniciar sua resposta, as marcas de hesitação no eixo sintagmático (+) indicam um momento de tensão no eixo paradigmático, com relação a quantas vezes por dia ele come: + *t/tem dia ++ q/que eu (bato) três vezes por dia + quatro*. A correção feita pelo sujeito após a última pausa silenciosa confirma sua tensão: + *quatro*. Desse modo, temos acesso a, pelo menos, dois elementos que estiveram em concorrência no eixo paradigmático nesse momento de tensão.

Ocorrência 02

JN o senhor não quis ir?
NL ++ ((faz gesto de “não” com a cabeça)) ((celular pára de tocar)) é o problema que eu tô te falando né a gente f/ acha difícil ficar no meio do povo

JN + mas mesmo se for família?

NL + MESmo se for família +++ é uma coisa in:teressante ((incoordenação durante o alongamento)) e:u ((incoordenação durante o alongamento)) não sei o q/q tá acontecendo comigo () ++ mas eu já vi muitas pessoa falar que esse probl/ que esse (incômodo) dá esse problema mesmo né

Neste exemplo, o sujeito parkinsoniano expressa achar difícil “*ficar no meio do povo*”. Quando seu interlocutor pergunta: *mas mesmo se for família?*, a pausa com que o sujeito inicia sua cadeia sintagmática marca um processo hesitativo no qual o sujeito se confronta com diferentes possibilidades de resposta (em concorrência no eixo paradigmático) a ser fornecida ao interlocutor. Entre negar ou confirmar a questão de seu interlocutor, sua opção é por confirmar: (...) *mesmo se for família*. Embora não haja marcas de quais possibilidades estiveram em tensão para o sujeito, a condução do diálogo aponta para, preferencialmente, as duas que mencionamos (negar ou confirmar).

Ocorrência 03

AB pode ser em qualquer situação em qualquer lugar + se ocê for uma pessoa que: + age com boas intenções + com honestidade + você + será + bem sucedido na vida ++ cê pode ser um médico + pode estar lá: naquele arraialzinho pequenininho + cê pode ser um bom professor (da) na/na/naquela escolinha + sozinha lá + mas se ocê for um bom professor + cê faz as coisas bem feita ali + não adianta cê querer ir pra uma + pra um grande centro

Quando o sujeito **AB** enuncia *age com boas intenções + com honestidade*, no eixo sintagmático, ele hesita e usa a pausa como artifício para pensar em qual conseqüência – dentre as possíveis, concorrentes no eixo paradigmático – o satisfaria em sua avaliação. Sua escolha recai sobre a conclusão *você + será + bem sucedido na vida*. Como o momento do conflito foi marcado, no plano sintagmático, por uma pausa silenciosa e como o contexto de enunciação também não fornece indícios, não se tem acesso às possibilidades que estiveram em concorrência (no plano paradigmático) para o sujeito neste momento.

Ocorrência 04

AB hoje funciona muito mais fácil + hoje é fácil demais + porque você pega vamos supor assim cê pega uma decoradora + um arquiteto + um engenheiro civil + então eles te dá + tudo no papel pro cê entender mais fácil + apesar d/deu + da gente ter pouco estudo porque a classe que trabalha em construção civil não é uma pessoa que estudou muito não

Já neste exemplo, quando o sujeito **AB** enuncia *hoje funciona muito mais fácil* +, a pausa silenciosa que segue essa parte do seu enunciado indicia seu processo de negociação entre várias possibilidades de continuar a elaboração da cadeia sintagmática. No interior desse processo, dentre os vários elementos que concorrem no eixo paradigmático, um deles mostra uma avaliação que o sujeito faz da parte anterior à pausa, ao mostrar de que modo ele interpreta o funcionamento, atual, da construção civil: “*hoje é fácil demais...*”.

Nas ocorrências expostas, pudemos verificar que, tanto o sujeito sem lesão neurológica (**AB**), quanto o sujeito parkinsoniano (**NL**), durante suas pausas, mostram, no eixo sintagmático, momentos marcados de tensão entre elementos que concorrem no eixo paradigmático. Nessas ocorrências, pudemos verificar, ainda, que, embora as perturbações sejam marcadas no eixo sintagmático, as marcas de hesitação indiciam momentos de indecisão entre elementos presentes no eixo paradigmático. As hesitações permitem, portanto, que o sujeito escolha, dentre esses elementos, aquele que julga como conveniente ser enunciado no eixo sintagmático, ou que, a seu ver, permite uma melhor amarração de significantes na cadeia sintagmática.

Como o mesmo tipo de processo ocorreu em ambos os sujeitos, podemos considerar que esse aspecto do funcionamento hesitativo que estamos estudando, a saber, como os eixos da linguagem são mobilizados nos momentos de hesitação, não distingue os sujeitos em sua condição de parkinsoniano ou não-parkinsoniano. Em outras palavras, o grau de doença em que se encontra o sujeito parkinsoniano não parece ter afetado o funcionamento desses eixos em sua atividade enunciativa.

Continuando a exposição de nossos resultados, de acordo com os objetivos que orientaram o desenvolvimento de nossa pesquisa, retomemos nosso segundo objetivo – *se, nos momentos de hesitação que envolvem uma avaliação, ocorre uma contenção da ou uma abertura para a deriva*. Como fizemos acima, apresentaremos mais dois exemplos de enunciados do sujeito com doença de Parkinson e mais dois exemplos de enunciados do sujeito sem lesão neurológica:

Ocorrência 05

NL [e out/ + e outra coisa + eu tenho] que fazer isso viu + eu tenho que dar um jeito de an/ de andar ma:is de sair mais de ca:sa + todo mundo me cobra né + f/k/ ((como se pronunciasse silenciosamente a palavra “fica”)) + a Maria v:ive me cobrando tem que sair mais de ca:sa + mas é igual eu te falei parece que eu + ((simultaneamente à pausa produz ruídos laríngeos, até o início da vogal “e” que iniciará o próxima

etapa do enunciado)) eu saio tá tudo bem + eu entro no meio de um movimento de gente eu perco + o rebolado ()

JN vai pra lugar que não tem muita gente

NL mas não tem jeito né + igual eu venho aqui às vezes eu venho bem a hora que eu entro aqui dentro já::

JN + já trança [a perna]

NL [por que será?] + cabeça né?

Neste exemplo, **NL** (sujeito parkinsoniano) questiona sobre a razão de aumentarem suas dificuldades em situações em que há muitas pessoas. Depois que enuncia *por que será?*, ele mostra um momento marcado, no eixo sintagmático, por pausa. Inicia-se, aí, um momento de perda de controle da deriva³, já que, dentre os elementos presentes no eixo paradigmático neste ponto da cadeia sintagmática, apenas um deles – em seu julgamento – forneceria resposta à sua questão.

Vê-se, pois, nesta ocorrência, que, se, por um lado, ocorre perda de controle no momento da pausa (H), a estrutura que sucede a pausa (ou seja, B) recupera o controle por parte do sujeito enunciador: + *cabeça né?*

Situação semelhante se verifica na ocorrência a seguir, também do sujeito parkinsoniano **NL**:

Ocorrência 06

JN + e como é que tá indo na fisioterapia?

NL vim de lá agora

JN + tá fazendo direitinho?

NL ah:: faz mas mais ou menos () ++ devagar demais né

Nesta ocorrência, **NL** conta para o documentador sobre suas sessões de fisioterapia. Quando questionado sobre como vêm se desenvolvendo as sessões, ele enuncia *ah:: faz mas mais ou menos...* Depois deste momento, ocorre uma pausa silenciosa no eixo sintagmático.

Acreditamos que o fato de **NL**, depois da pausa, complementar seu enunciado indicia que o sujeito achou necessário manifestar para o documentador sua opinião sobre suas sessões de fisioterapia. Assim, no momento de sua pausa (H), ocorre nova perda de controle sobre a deriva. Neste movimento, o sujeito avalia, dentre os elementos concorrentes no eixo paradigmático, qual

³ Dizemos que ocorre perda de controle da deriva uma vez que, para Pêcheux (1997) e para Tfouni (2001), a possibilidade de abertura para a deriva é latente (mas muitas vezes controlada) na produção do discurso. Muitas vezes, as pausas mostrariam justamente momentos em que esse controle não se exerce, ou é exercido de modo a se mostrar na cadeia sintagmática.

elemento melhor descreveria a maneira como – em seu julgamento – se desenvolvem suas sessões de fisioterapia. Desse modo, o sujeito – depois da pausa, ou seja, no trecho B, que a sucede – continua a elaboração de sua cadeia sintagmática, promovendo uma amarração entre o trecho B (*++ devagar demais né*) e o trecho A (*ah:: faz mas mais ou menos*), fechando o movimento de deriva.

O mesmo tipo de situação que se verificou nessas duas últimas ocorrências do sujeito parkinsoniano pode ser verificado também nas duas ocorrências que se seguem, do sujeito sem lesão neurológica:

Ocorrência 07

AB eu sei tudo os meus patrão que eu trabalhei + inclusive eu trabalhei com/ + seus pais + pouco/ foi poucos dias mas trabalhei

Neste enunciado, **AB** (sujeito não-parkinsoniano) conta para o documentador sobre lembrar-se de todos os padrões para os quais trabalhou ao longo dos anos, dentre eles, o pai do sujeito documentador.

Depois de enunciar + *inclusive eu trabalhei com/ + seus pais...*, ele hesita – momento marcado no eixo sintagmático com uma pausa. cremos que o fato de **AB** mostrar, no trecho que segue (B), no eixo sintagmático, um complemento a uma informação anterior – a de que ele havia trabalhado para o pai do documentador (A) e esse complemento indicar aspecto temporal –, indicia que o sujeito – voltando-se para seu próprio enunciado e, antecipando-se a uma dúvida que poderia surgir por parte de seu interlocutor – sentiu a necessidade de uma melhor explicação sobre a duração desse tempo.

Acontece, então, no momento H, uma perda de controle sobre a deriva na qual o sujeito vai buscar, no eixo paradigmático, um elemento que expresse o quanto que ele teria trabalhado para os pais do documentador. Em seu funcionamento avaliativo, **AB** escolhe um elemento que acredita corresponder a esta quantidade e, contendo o movimento de deriva, mostra-o no eixo sintagmático: + *pouco*.

Ocorrência 08

AB + mas + no público já não é assim + cê vai trabalhar numa prefeitura num estado aí + chega () se ocê saiu + amanhã cê/ + se ocê não tiver uma reserva + é uma pessoa sem nada

Neste trecho, **AB** fala para o documentador sobre a importância de se ter uma reserva em dinheiro para o caso de um suposto desemprego.

Num dado momento, ele enuncia o que poderíamos chamar de uma premissa (trecho A): *+ se ocê não tiver uma reserva...* Depois, ele mostra um momento hesitativo (H), marcado, no eixo sintagmático, com pausa silenciosa. Nesse momento da cadeia sintagmática, verifica-se perda do controle da deriva entre elementos presentes no eixo paradigmático, mostrada pela busca de um elemento que, em sua avaliação, conclua sua premissa. O sujeito escolhe, então, este elemento (B), que – em seu julgamento – complementa seu enunciado e contém o movimento de deriva ao mostrá-lo no eixo sintagmático: *+ é uma pessoa sem nada.*

Como pudemos observar, nas ocorrências (05), (06), (07) e (08), o funcionamento avaliativo tem como característica um movimento de abertura para a deriva no momento em que ocorre uma marca de hesitação (H). Essa deriva ocorre pela necessidade que o sujeito enunciativo tem de voltar-se sobre seu dizer, sobre o dizer de seu interlocutor ou sobre a situação enunciativa (trecho A).

O funcionamento avaliativo consiste num juízo, num cálculo, numa escolha – entre elementos concorrentes no eixo paradigmático – que o sujeito enunciativo precisa fazer a fim de controlar essa deriva. Quando ele enuncia e mostra o elemento escolhido no eixo sintagmático (trecho B), ocorre uma amarração entre significantes (ou seja, entre os trechos A e B) que contém o movimento de deriva.

Pelo que observamos em nossa pesquisa, não se tem acesso aos significantes concorrentes no eixo paradigmático, a menos que o sujeito materialize algum deles no eixo sintagmático – por acidente ou propositalmente (a fim de demonstrar indecisão entre dois elementos, por exemplo) como pudemos observar na **Ocorrência 01**: *+ t/tem dia ++ q/que eu (bato) três vezes por dia + quatro.* Ou seja, a perda do controle da deriva é marcada no momento da pausa, mas geralmente não são mostrados os caminhos da deriva no sujeito.

Em síntese, no que se refere à abertura ou contenção da deriva em situações de avaliação mostradas por pausa, a pausa corresponderia à abertura e o trecho que a sucede (B) corresponde a sua contenção, promovendo uma amarração com os significantes em curso no trecho (A).

Como ocorreu ao verificarmos características das avaliações no que se refere ao predomínio (ou não) de um dos eixos da produção do discurso, também no que se refere à abertura ou contenção da deriva não verificamos diferença de funcionamento entre o sujeito parkinsoniano e o sujeito sem

lesão neurológica. Assim, no interior do recorte que orientou essa pesquisa, essa também não pareceu ser uma característica do funcionamento das pausas que distinguiria um parkinsoniano de um não-parkinsoniano.

Seguindo a ordem dos objetivos que orientaram nosso trabalho, neste momento, vamos expor os resultados referentes à nossa terceira questão – *se as ações sujeito/língua, nesses mesmos momentos (de hesitação), ocorrem antecipadamente ou em reparação à materialização de pontos de deriva*.

Para tanto, recorreremos a mais duas ocorrências do sujeito parkinsoniano e a mais duas ocorrências do sujeito sem lesão neurológica.

Ocorrência 09

JN + *ei mas tá* [tudo mais ou menos]

NL [ta/ ta/ + e::u] *num sei não (antes eu) () sou desanimado demais + eu não era assim não sabe mas agora*

Em certo momento da sessão de gravação de **NL** (sujeito parkinsoniano), **JN** (documentador) percebeu que ele vinha descrevendo de forma pessimista os aspectos de sua rotina. O trecho acima corresponde ao momento em que o documentador manifestou, para o sujeito parkinsoniano, a sua observação + *ei mas tá tudo mais ou menos*.

Em resposta ao documentador, **NL** faz um enunciado cheio de perturbações – [ta/ ta/ + e::u] *num sei não (antes eu)* – no eixo sintagmático até enunciar seu desânimo. Neste momento, voltando-se para o trecho (A) de seu próprio enunciado – *sou desanimado demais* – e rejeitando uma possível conclusão a que poderia chegar o seu interlocutor (de que ele seria uma pessoa desanimada), o sujeito parkinsoniano perde o controle sobre a deriva e faz uma pausa silenciosa no eixo sintagmático. No entanto, em seguida a essa pausa, o trecho (B) – + *eu não era assim não sabe mas agora* – marca a retomada do controle da deriva e, ao mesmo tempo, uma resposta a uma conclusão (não desejada pelo sujeito) a que seu interlocutor poderia chegar a respeito do trecho (A). Desse modo, a materialização do trecho (B) mostra o resultado da rejeição dessa possível conclusão por parte do sujeito no momento de sua hesitação.

A parte da cadeia significante *sou desanimado demais* – materializado no eixo sintagmático – que segue a esse ponto de deriva se amarra, assim, à parte da cadeia *eu não era assim não sabe mais agora* – materializada anteriormente – formando a relação desejada pelo sujeito (de que ele

ficou desanimado por causa da doença). Desse modo, o sujeito retoma o controle sobre a deriva num movimento de reparação.

Vamos agora para mais um exemplo de NL (sujeito parkinsoniano).

Ocorrência 10

NL + a minha tem um rachado

JN ((tossiu)) a sua?

NL + tem + mas só num canto + (ela) deu uma trincadinha assim + mas eu descobri

Neste trecho, o sujeito parkinsoniano fala para o documentador sobre a existência de uma rachadura em sua casa. O enunciado do documentador que segue a essa informação – *a sua?* (trecho A) – mostra uma necessidade de confirmação do enunciado anterior do sujeito parkinsoniano – *a minha tem um rachado* por parte do documentador. Como o enunciado do sujeito parkinsoniano (+*tem*, trecho B) que segue ao trecho A traz um elemento que se amarra justamente a este trecho, cremos que, em sua pausa silenciosa (H) no eixo sintagmático, os elementos que concorreram no eixo paradigmático representavam possíveis amarrações para o elemento A.

Quando o sujeito parkinsoniano enuncia o trecho B (+*tem*) em amarração com o trecho A, ele impede a quebra da unidade ilusória do texto (cf. TFOUNI, 2001) – neste caso, um texto falado –, ele causa a ilusão de que evitou uma deriva pelos sentidos (o que aconteceria caso o trecho B não se amarrasse ao trecho A, no caso, num sentido de complementação).

De qualquer maneira, entres os trechos A e B, ocorreu uma pausa silenciosa no eixo sintagmático, na qual aconteceu um movimento de deriva, e o processo avaliativo que levou o sujeito parkinsoniano à escolha de um elemento de amarração entre estes trechos. Desse modo, a materialização, no eixo sintagmático, do elemento (trecho B) que se amarra ao elemento enunciado pelo documentador (trecho A) aparece em reparação à materialização do ponto de deriva, a pausa silenciosa (trecho H).

Passemos agora para os exemplos de ocorrências do sujeito sem lesão neurológica.

Ocorrência 11

AB () folgado + sempre eu levantava de manhã eu levanto cinco e meia e vou + tem dia que ela vai + tem dia que ela vai tem dia que ela não vai + eu a coisa melhor que eu gosto é de a hora que cê tá lá em cima no trevo da (Cantolina) + aí o dia tá começando a clarear + é o trem melhor que tem

Neste trecho, **AB** (sujeito sem lesão neurológica) fala para o documentador sobre as caminhadas que gosta de fazer pela manhã.

Em certo momento do enunciado, o sujeito fala do instante em que o dia começa a clarear. O trecho que segue a esse enunciado é marcado com pausa silenciosa no eixo paradigmático – na qual o sujeito perde o controle sobre a deriva entre os elementos concorrentes no eixo paradigmático – já que, supostamente, o interlocutor poderia imaginar um sem número de sensações que o amanhecer provocaria.

Na intenção, consciente ou não, de evitar a deriva a essa abertura de sensações e a fim de evitar a quebra da unidade ilusória do texto, o sujeito avalia e escolhe – entre esses elementos – um que faça uma amarração com o elemento anteriormente materializado no eixo sintagmático. Quando o sujeito materializa esse elemento no eixo sintagmático, ele repara o ponto de deriva (no caso, a pausa) do eixo. Assim, acreditamos que, nesse caso, como nas ocorrências **09** e **10** de nossos exemplos, o sujeito, em seu funcionamento avaliativo, agiu em reparação à materialização do ponto de deriva.

Observemos agora mais uma ocorrência do sujeito sem lesão neurológica.

Ocorrência 12

AB trinta e cinco + agora: eu falta cinco pra/ eh é sessenta e cinco eu vou aposentar por idade + falei que: chega o sessenta e cinco eu + eu deixo desse negócio

Nesta ocorrência, **AB** (sujeito sem lesão neurológica) fala, para o documentador, sobre a data em que pretende se aposentar. Quando diz que vai se aposentar por idade, ao chegar aos sessenta e cinco anos, começa a materializar – no eixo sintagmático – um elemento que reafirma essa idéia. Neste momento, em sua hesitação – marcada com pausa silenciosa no eixo sintagmático –

o sujeito perde o controle sobre a deriva – já que seriam inúmeras as ações que ele poderia realizar quando chegar a essa idade.

Como o elemento que segue a hesitação, trecho B (+ *eu deixo desse negócio*), representa um complemento ao elemento anterior, trecho A (+ *falei que: chega o sessenta e cinco eu*), acreditamos que os elementos que concorreram no eixo paradigmático, no momento da hesitação, seriam elementos que poderiam complementar o trecho anterior. A escolha – consciente ou não – de um deles, a seu ver, evita, portanto, uma mudança de orientação dos sentidos (já que o tópico era sua aposentadoria) no momento da interrupção no fluxo sintagmático, justamente o ponto de materialização da deriva.

Assim, observamos que, nos processos avaliativos (presentes nos enunciados do sujeito parkinsoniano e nos enunciados do sujeito sem lesão neurológica), essa busca pela contenção da deriva dos sentidos, essa tentativa de se manter a unidade ilusória do texto, parece estar presente em todas as ocorrências.

Para explicar esse movimento de busca pela contenção da deriva, nos apoiaremos no conceito de *autor* desenvolvido por Leda Tfoundi (1997).

Por pesquisar uma teoria sobre o letramento que considera a não existência, em termos de práticas discursivas, de uma dicotomia entre texto oral e escrito, Tfoundi sentiu a necessidade de desenvolver o conceito de *autor*. Nas palavras dela:

[...] O *autor* é uma posição do sujeito a partir da qual ele consegue estruturar seu discurso (oral ou escrito) de acordo com um princípio organizador contraditório, visto que existe, no processo de produção de um texto, um movimento de deriva e dispersão de sentidos inevitável, que o *autor* precisa “controlar”, a fim de dar ao seu discurso uma unidade aparente, com começo, meio e ‘fechamento’. (TFOUNI, 2001, p. 05).

Assim, entendemos que Tfoundi, basicamente, atribui ao *autor* a posição de “controlador” dos movimentos de deriva e dispersão. Desse ponto de vista, quando o sujeito se volta sobre o processo de produção de sentidos, contendo os lapsos, os atos falhos, “administrando” a dispersão e a equívocidade que é intrínseca à língua – como acontece no funcionamento avaliativo –, ele assume a posição de *autor*. Nesta posição, o sujeito “enxerga” seu enunciado de um outro lugar, podendo assim lapidá-lo, poli-lo com glosas, retoques, enfim, com elementos que inscrevem o *outro* na seqüência do discurso – elementos que Authier-Revuz (1990) chama de formas de “heterogeneidades mostrada” – a fim de manter a linearidade e a ilusão de “unidade” do texto. Com

estes recursos, o *autor* “controla”, descarta elementos lingüísticos que concorrem no eixo paradigmático e esconde a dispersão e a deriva que estão a todo o momento acontecendo, consciente ou inconscientemente, no processo de lapidação do enunciado. Quando não ocorre a *autoria*, a deriva se materializa em formas de elementos lingüísticos no enunciado, como, por exemplo, a pausa.

Para Tfouni, conter a deriva é impossível, pois esta se encontra na equivocidade da língua:

[...] O autor é aquele que trai em seu texto essa luta com as palavras. Tarefa impossível com a qual ele tem que lidar, porque no processo de revestir esse imaginário de simbólico, ele se depara com os dois reais da língua: a sistematicidade e a equivocidade. (TFOUNI, 2001, p. 11).

O que o sujeito faz, no momento da *avaliação*, é “revestir de simbólico” um conteúdo que, na verdade, é inacessível. É impossível evitar a deriva de sentidos presente na língua. Assim, na condição de autor, o sujeito deve manter a “unidade” ilusória do texto. Ele precisa controlar as formações do inconsciente, deve evitar os lapsos e os atos falhos.

Desse modo, cremos que esse movimento em que o sujeito tenta manter a unidade ilusória do texto nos momentos em que este se encontra interrompido – em seu fluxo sintagmático – por uma pausa silenciosa, perdendo, assim, o controle sobre a deriva entre os significantes concorrentes no eixo paradigmático, seja um movimento característico do processo avaliativo, pois, nesse processo, o sujeito escolhe o elemento – que em seu juízo seria apropriado – para fazer uma amarração com o elemento anterior à hesitação, agindo, assim, em reparação à perturbação (a pausa silenciosa) no eixo sintagmático.

Posto que esse movimento de reparação a um ponto de materialização da deriva não apenas parece ser característico do funcionamento avaliativo como, ainda, é verificado nos enunciados dos dois sujeitos estudados nesta pesquisa, acreditamos que também esse aspecto não representa um critério eficaz de comparação entre a linguagem de um sujeito com doença de Parkinson e um sujeito sem lesão neurológica.

Conclusões

Contrariando grande parte dos estudos de orientação biomédica, que atribuem a ocorrência de pausas na fala de sujeitos com doença de Parkinson às dificuldades motoras causadas por essa

doença, acreditamos ter encontrado no funcionamento lingüístico *avaliação* um processo no qual a pausa parece ser comumente constitutiva do exercício da linguagem, independentemente do quadro de saúde dos sujeitos. Como vimos, ela ocorreu em ambos os sujeitos num movimento de contenção da deriva – seja na intenção dos sujeitos de antecipar-se à materialização dos elementos que a marcam no eixo sintagmático, seja na intenção de reparar a “perturbação” causada por esses elementos materializados.

Esses dados confirmam resultados de Zaniboni (2001) e de Nascimento (2005) de que pausas e hesitações são fenômenos constitutivos do dizer, em qualquer condição enunciativa, patológica ou não. Assim, se existem diferenças nos funcionamentos das pausas entre sujeitos com doença de Parkinson e sujeitos sem lesão neurológica, essas diferenças se encontram em outros processos não estudados nesse trabalho.

Desse modo, acreditamos que devem ser vistas com reservas as afirmações da literatura biomédica de que as pausas hesitativas na fala de sujeitos com doença de Parkinson seriam decorrentes exclusivamente ou preferencialmente de suas dificuldades motoras.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990

BARBOSA, Egberto Reis. Parkinsonismo. *Revista Brasileira de Neurologia*, São Paulo, v.25, n. 1, p. 27-32, 1989.

CHACON, Lourenço. *Relação entre aspectos motores e cognitivos nas dificuldades de linguagem de Parkinsonianos*. Veredas, Juiz de fora (UFJF), v.6, n. 1, p. 141-152, 2002.

_____.; SCHULZ, Geralyn. Duração de pausas em conversas espontâneas de Parkinsonianos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 39, p. 51-71, jul./dez. 2000.

DIAS, Carlos Eduardo Borges. *Integração cognitivo-motora em hesitações na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos*. Relatório FAPESP. Processo: 04/02349-1, 2005.

FENTON, Elaine; SCHLEY, W. Shain; NIIMI, Seiji. Vocal Symptoms in Parkinson Disease Treated With Levedopa: a case report. *An. otol.*, New York, v.1, p. 119-121, 1982.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. A hesitação. In: NEVES, Maria Helena Moura (Org.). *Gramática do Português Falado: novos estudos*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1999, p. 159-194.

NASCIMENTO, Julyana Chaves. *Fenômeno Hesitativo na Linguagem: um olhar para a doença de Parkinson*. 2005, 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Instituto de Biociências,

Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” São José do Rio Preto.

OLIVEIRA, Elaine Cristina. *Um estudo comparativo do funcionamento das pausas na atividade verbal de sujeitos Parkinsonianos*. 2003, 177f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.

_____.; CHACON, Lourenço. Aspectos prosódicos da fala de sujeitos Parkinsonianos. *Alfa*, São Paulo, n. 43, p. 203-228, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. cap. 3.

PRETTI, D.; URBANO, H. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor/FAPESP, 1998.

SMALL, Jeff A.; LYONS Kelly; KEMPER, Susan. Grammatical abilities in Parkinson's disease: evidence from written sentences. *Neuropsychology*, Kansas, USA, v. 35, n. 12, p. 1571-1576, 1997.

TFOUNI, Leda Verdiani. A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: Signorini, Inês. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 77-96.

WITT, Melodi. *Duração de pausas iniciais e extensão de turnos na atividade conversacional de parkinsonianos*. Relatório FAPESP, Processo 02/09715-8, 2003.

ZANIBONI, Lílian Fátima. *Função das pausas na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson*. 2002, 138f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.

Recebido em: 17/04/2009

Aprovado em: 05/10/2009